



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH

INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADES
EICOS

MARIA ANGELICA DE MELO RENTE

**CÍRCULOS DE CUIDADO COMPARTILHADO: A ESCUTA SENSÍVEL COMO
PRÁTICA DE DISSOLUÇÃO DE TRAUMAS E EMANCIPAÇÃO COMUNITÁRIA
ENTRE MULHERES.**

Trabalho Final da Disciplina de Metodologia
e Técnica de Pesquisa em Comunidade e Meio Ambiente I

Docentes: Profa. Beatriz Akemi Takeiti e

Profa. Cecília de Mello e Souza

Rio de Janeiro
Dezembro de 2019

Este é um excerto do relatório produzido para ser apresentado à banca de qualificação e refere-se ao percurso metodológico traçado por mim, até o momento, ao longo de minha pesquisa de mestrado, orientada pelo Prof. Emerson Merhy.

O projeto de pesquisa nasceu com a intenção de descrever e investigar a efetividade dos espaços de escuta oferecidos pelo que venho chamando de Círculos de Cuidado (que englobam tanto as Rodas de Empatia quanto os Círculos de Cuidado Compartilhados), que se nutrem teoricamente das várias abordagens que venho investigando ao longo de meu percurso profissional, entre elas a Comunicação Não-Violenta, nascida do trabalho de Marshall Rosenberg, a Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers, os Círculos Restaurativos sistematizados por Dominic Barter, a Filosofia do Diálogo de Martin Buber, a Educação Popular de Paulo Freire, além da Gestalt-terapia e da Socioterapia de Base Comunitária. Alguns destes e outros aportes serão mais bem explorados ao longo dessa narrativa em momentos oportunos. Idealizados e aplicados por mim e, posteriormente, por uma rede de anfitriãs-participantes, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro entre os anos de 2014 e 2018, os Círculos, englobando tanto as Rodas de Empatia, quanto os Círculos de Cuidado Compartilhado e outras rodas de diálogo que se desenharam à partir destas ações, têm por objetivo configurar uma prática de cuidado com base na escuta empática que atue na formação de redes de apoio e na promoção do fortalecimento de laços comunitários, assim como na promoção de modos restaurativos de cuidado de conflitos. Os Círculos de Cuidado Compartilhado entre mulheres, como recorte específico abordado na presente pesquisa, têm também como seu foco contribuir para a dissolução de traumas individuais e coletivos femininos.

Ao longo do meu percurso no primeiro ano do programa de pós-graduação, me dei conta de que o trabalho era muito mais complexo e desafiador e ia muito mais além do que simplesmente descrever e investigar, de forma que se pretendia (ou que eu fantasiava como sendo) “acadêmica” ou “científica”, os processos vivenciados no trabalho com as mulheres. A pesquisa, em si, já aconteceu, se compreendida como facilitação de encontros entre as várias participantes-pesquisadoras que constituíram o campo, já que, como afirma Merhy, “todos - e todas - são pesquisadores no campo”¹. Este trabalho, então, tem se voltado, fundamentalmente, para a narrativa das minhas próprias experiências como mulher totalmente implicada na escuta sensível de outras mulheres, dos processos de vir-a-ser que me desmantelam e reconfiguram a cada vivência. Ao admitir que existo inexoravelmente tramada numa rede de relações sociais,

¹Em aula da disciplina Ferramentas Micropolíticas em 01 nov 2019.

históricas e ecológicas, focar-me nas minhas próprias narrativas, ao contrário de me colocar como indivíduo fora do mundo, me insere na polifonia que constitui a existência compartilhada, revelando-me como produtora e produto dessa rede de afetos (Critelli, 2013). Como mulher, foi imprescindível admitir que seria impossível investigar as questões do ser-mulher-no-mundo de forma isolada dos processos sociais e históricos, sem trazer à luz as minhas próprias narrativas sobre as experiências que eu mesma vivenciei e vivencio (Rago, 2013). Portanto, parafraseando Acosta (2016), esses relatos, apesar de serem minha responsabilidade integral, não constituem um produto individual.

PERCURSOS (DES)METODOLÓGICOS

Falar dos caminhos metodológicos que venho construindo neste trabalho é, inevitavelmente, falar sobre as marcas produzidas em mim desde o meu ingresso no programa de pesquisa do EICOS, pelas interlocuções, composições e atravessamentos causados pelos encontros com pessoas, ambientes e leituras. Para Rolnik, as marcas são estados inéditos gerados em nossos corpos no mundo quando nos compomos com outros fluxos, sejam eles humanos ou não, que nos desestabilizam, exigem uma nova configuração e inauguram novos devires (Rolnik, 1993). Assim, são as marcas que nos produzem, de novo e de novo, convocando nossa estranheza, nos desassossegando e gerando outros corpos - engendrando vida e sentido. “As marcas são os estados vividos em nosso corpo no encontro com outros corpos, a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outro” (idem, p.244). Pois foi exatamente a proposta metodológica da Cartografia Sentimental oferecida por Rolnik que mais me impactou e desestabilizou, aderida que eu estava a um modelo acadêmico de produção de pesquisa que, eu ainda acreditava, era primordialmente trabalho intelectual, busca por conhecer e analisar fenômenos, mesmo que eu já soubesse que seria impossível explicá-los sem me implicar profundamente neles. Afinal, a implicação já existia previamente à pesquisa, antes mesmo das escutas das narrativas que me servem de matéria-prima para a investigação, ainda que fosse pelo simples fato de compartilhar com as narradoras a condição de mulher numa cultura patriarcal e capitalista.

Ao compreender que meu trabalho é, primordialmente, um trabalho de narrativas do vivido no ofício da escuta, fui buscar subsídios que me apoiassem a encontrar formas de expressão daquilo que me habita, modos de narrar essas experiências que foram vividas por mim nestes processos e quão transformativas e constituintes elas têm sido de todos os meus devires possíveis. Ressoa muito profundamente em mim a ideia de “estética da existência” proposta

por Foucault, que entende a transformação social não só como um projeto político, mas como um estilo de vida, uma produção da própria vida como arte. Desta forma, para ele, conforme descreve Rago (2013, p.50), “A ‘escrita de si’ é entendida como um cuidado de si e também como abertura para o outro, como trabalho sobre o próprio eu num contexto relacional, tendo em vista reconstituir uma ética do eu”. Não é confissão, pois não carrega culpa e não busca a expiação frente a uma autoridade, mas convida a transformação e a autopoiese, revelando nossa capacidade de produzirmos nossos próprios devires, entendendo o eu não como indivíduo e sim como campo aberto de forças em relação.

Concordo com hooks (2017) quando esta afirma que não é fácil teorizar a partir de uma dor que também é nossa. Ela diz que “não há ninguém entre nós que não sentiu a dor do sexismo e da opressão sexista, a angústia que a dominação masculina pode criar na vida cotidiana, a infelicidade e o sofrimento profundos e inesgotáveis” (idem, p.103). Assim, a figura das “novinhas”, que Rolnik (2016) utiliza como representantes dos processos sócio-históricos que nós, mulheres, temos atravessado coletivamente, ressoou profundamente em mim. Fazendo parte de uma geração posterior à da autora, inserida, porém, num contexto sócio-cultural e territorial diverso, no qual os ventos de mudança demoraram um pouco mais a chegar, me reconheci nas narrativas tecidas por ela, nas cenas descritas, na aspirante-a-noivinha que se recusou a gorar-e-grudar, a perder a graça, a renunciar ao desejo. Conforme lia os primeiros capítulos, minha sensação era de que a autora estava me narrando, como naquela comédia dramática protagonizada por Emma Thompson e Will Ferrer, “Mais Estranho do que a Ficção”², na qual um homem comum começa a ouvir cada passo de sua vida sendo narrado por uma voz de mulher, que descobre, mais tarde, ser de uma famosa escritora de romances trágicos. Era como se Suely me acompanhasse na minha vida, olhando para mim de algum lugar misterioso e descrevendo, minuciosamente, os processos pelos quais eu passava. Simultaneamente, eu vivia um momento conflituoso em várias relações, nas quais eu me sentia profundamente incapaz de comunicar aquilo que me habitava, explicitar o que eu sentia e pensava. Entrei naquele “estado de esquisitice” que se estabelece quando não encontramos linguagem para exprimir nossas experiências, nossos afetos. Perdi a língua e emudeci.

Muito aos poucos, fui me dando conta de que essa angústia e confusão não eram novas, pois conectavam-se com outros momentos recentes da minha história e da minha atuação no mundo e que, por isso, caberia falar delas no âmbito da pesquisa. Afinal, a minha desterritorialização

² STRANGER Than Fiction. Direção de Marc Forster, roteiro de Zac Helm. 2006.

como “noivinha” começou a ocorrer a partir do fim de um longo casamento que, enquanto durou, manteve-se completamente fiel ao script patriarcal, e dos meus primeiros contatos com a Comunicação Não-Violenta como prática, acontecimentos quase simultâneos e igualmente desestabilizadores. Até então, as questões do devir-mulher não estavam tão vivas em mim. Foi o ativismo na não-violência que me levou a ouvir prioritariamente mulheres (menos como opção do que como circunstância)³, já que meu grande foco de investigação nesse campo são as reconfigurações das relações de gênero e seus impactos na saúde mental, considerando o capitalismo patriarcal como o grande produtor de relações de violência e dominação. Ao ouvi-las, me reconheci nas ressonâncias e nos traumas compartilhados pela condição feminina. Assim, como mulher e como pesquisadora - tomando emprestadas as palavras de Cruz (2016, p.128) - meu corpo se tornou meu campo de problemas.

Como dar língua às experiências tão intensamente vividas, aos atravessamentos afetivos que se faziam tão presentes, sem “matar” a vida neles, sem fixá-los e objetificá-los, sem empobrecê-los? Ao mesmo tempo, como torná-los compreensíveis e cabíveis em um trabalho acadêmico que, a meu ver, visa proporcionar uma abertura para uma interlocução que objetiva a construção de novos conhecimentos que possam servir a configuração de novos modos possíveis de existência?

Uma das formas que encontrei para dar conta deste desafio foi escolher algumas cenas significativas vividas nesses processos, narrá-las e, a partir destas narrativas, desenvolver os temas apresentados por elas, costurando, tecendo sentidos entre as histórias, usando a ideia da Cartografia Sentimental como um fio condutor, atenta às linhas descritas por Rolnik (2016) como sendo as condutoras do método. Na verdade, como aponta a própria Rolnik, um anti-método. Cartografar não é uma receita, mas uma experiência vivida. Portanto, não pode ser repetida, como uma proposta metodológica, já que é sempre variada, produção viva em ato. É buscar – e encontrar – formas de visibilizar as linhas que representam a dinâmica de fluxos de forças e afetações que nos atravessam, nos perpassam, nos transmutam. Segundo Merhy⁴, “nem toda vivência é uma experiência cartográfica; a cartografia nos convoca a sair das marcas, não

³ Ocorreu que, quando passei a compartilhar publicamente minha investigação pessoal nesse campo, em rodas de conversas, aulas e nas redes sociais, mais e mais mulheres passaram a me procurar para receber escuta e apoio psicoterapêutico e se tornaram a maioria das pessoas que atendo em consultório. Isso me indica que há uma carência de espaços de cuidado nos quais as mulheres se sintam seguras e confiantes para compartilhar questões relacionadas às tensões de gênero e se sentirem escutadas e apoiadas.

⁴ Em aula da linha da disciplina Ferramentas Micropolíticas em 27 set 2019.

é repetição, portanto, não é mapa: é deslocamento de território. Ela pede uma nova língua para aquilo que é experimentado do ponto de vista existencial”.

O primeiro recurso que encontrei para iniciar o processo de registro das minhas cartografias foi a elaboração de um diário cartográfico. Nele - que reúne anotações em um caderno, no celular e no computador, gravações em áudio nas quais teço interlocuções comigo mesma, fotografias e imagens coletadas, anotações de aula, postagens em redes sociais, textos produzidos por mim e registros de conversas - passei a registrar minhas dúvidas quanto ao trabalho de pesquisa, as ideias provocadas pelas interlocuções com meus mais diversos intercessores⁵ - colegas pesquisadores, professores, autores, as pessoas que compartilham comigo as práticas descritas na pesquisa, as pessoas que ouço em consultório, as impressões vivas em mim à partir destas conversas, as afetações ambientais, as paisagens, as obras de arte, as memórias suscitadas durante as buscas por recuperar narrativas ouvidas durante os processos de escuta e os afetos associados a elas, ensaios de escrita, rabiscos, etc. Recorri a antigas gravações de escutas que havia recebido em um sistema que montei para me apoiar no processo de realização dos Círculos de Cuidado Compartilhado e as transcrevi, o que me possibilitou novamente entrar em contato com as emoções e atravessamentos convocados, agora, pela lembrança de cenas testemunhadas. O diário tem servido como campo de experimentações e me auxiliado na elaboração da escrita, no encontro de uma linguagem. Reproduzo abaixo um trecho dessas anotações, que resultou na elaboração dos dispositivos expressivos que serão descritos mais adiante:

É um desafio registrar de alguma forma aquilo que está vivo a partir das vivências que tenho tido ultimamente e das conexões que vão se formando. Ficou muito presente para mim enquanto eu caminhava o que eu ouvi da colega enquanto ela narrava sua escuta de minha cartografia. Ela disse que achou surpreendente quando incluí na minha cartografia o fato de ter percebido que o mar estava mais transparente do que de costume e disse que é curioso como só percebemos esse tipo de coisa quando somos “de fora”. Essa fala me intrigou, me incomodou, e evocou muito rápido a ideia de que não é porque eu seja “de fora”, mas porque eu faço isso mesmo, na vida. Essa tendência contemplativa é parte de mim e, ao longo dos

⁵ O conceito de intercessores utilizado deriva de Deleuze, que afirma, em Conversações (1992, p.156): “A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas - para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas - mas também coisas, plantas, até animais (...). Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores (...) Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê”. Partindo dessa ideia, Cruz (2016) propõe que a construção do conhecimento não é um ato individual, mas resultado de encontros e composições que produzem afetações nos nossos corpos, “obrigando-nos a conhecer” (p.95).

anos, foi encontrando caminhos, fui acolhendo-a cada vez mais, buscando instrumentos e expressões para ela, entre eles, a fotografia contemplativa. Enquanto eu voltava para casa, me deparei com a cena cotidiana, sempre diferente, a vista do mar e do skyline da cidade e me lembrei da música da Adriana Calcanhoto⁶, “eu ando pelo mundo prestando atenção em cores...”. Então me ocorreu que não é uma questão de prestar atenção no sentido de que eu atento aos detalhes, mas tem muito mais a ver com me deixar atravessar pelas afecções que vem do mundo e com ver aquilo que eu não tinha visto antes, feito o Caeiro⁷ no Guardador de Rebanhos. Assim, não é exatamente uma qualidade de atenção, mas uma qualidade de abertura para os atravessamentos do mundo. Qual será a língua que encontrarei para expressar isso? Novamente, voltou a lembrança da fotografia contemplativa.

Contemplar é diferente de prestar atenção. Atentar pressupõe um foco, uma concentração. Contemplar, pelo contrário, pede abertura, uma presença difusa, uma porosidade, a predisposição de um corpo vibrátil (Rolnik, Merleau-Ponty), disponível para se deixar penetrar pelo mundo (conexão com conceito de empatia como prática no Cartografia Sentimental –

⁶ Esquadros, música composta por Adriana Calcanhoto, lançada em 1992 no álbum Senhas.

⁷ II - O Meu Olhar (Alberto Caeiro [Fernando Pessoa]). In: O Guardador de Rebanhos

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de, vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...
Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender ...
O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...
Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar ...
Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar...

acepção original da palavra na filosofia da arte – estética. Tensionamento do conceito de empatia).

Aquele poema meu:

Lazuli⁸

Descubro coisas

Que cintilam e giram

Caleidoscópico

Encaixam-se em sinapses

Conexões

Vertigem

Olha o que eu achei!

(besouro lazuli tesouro guardado na caixa de fósforos)

Só têm graça se você olhar comigo.

Olha!

Me deu vontade de explorar a fotografia como língua para expressão e a noção de interferência na fotografia, através de linhas que se interpõe entre a imagem capturada e quem observa. Bordados, desenhos, tessituras, colagens, interferências digitais (glitch art), etc. Busca por registrar nas fotos, instantâneos de um momento, as linhas de força, de afetos, que vão se entrecruzando e entretecendo. Rolnik, Lygia Clark, Miksang.

Assim, energizada pelo encontro de um caminho possível, o novo me convidou a criar uma caixa de ferramentas com alguns dispositivos que estão me apoiando na tarefa de dar conta dos desafios e acontecimentos que se apresentam na atividade da escuta, do testemunho e das narrativas das experiências vividas. A metáfora dos fios que utilizo aqui, suscitada pela proposta das cartografias, combinou-se com as práticas da costura, do bordado, do tecer, do crocheter, do desenhar, que fazem parte da minha vida desde a infância, adquiridas, não por acaso, no contato com as mulheres da minha família: minha mãe, minhas avós e tias.

Ao primeiro dispositivo estou chamando de Trama de Histórias. Aqui, apresentarei algumas cenas, narrativas de acontecimentos vividos por mim durante as escutas que dispararam as

⁸ Poema da autora, janeiro de 2013.

reflexões, discussões e tensionamentos apresentados ao longo do trabalho, a partir das quais se abrem as conversas propostas em cada tópico, histórias essas narradas por mim no lançamento das minhas memórias para a escrita. Para que sua presença no texto fique mais explícita, elas aparecerão em formato *itálico*.

Ao segundo, nomeei como Balaio de Enroscos, onde guardo as linhas emboladas, embaraçadas, que representam os pontos de tensionamento nos quais me detive para tentar desembaraçar e decidir: continuo tentando ou rompo a linha para recomeçar de outro ponto? Remetem, portanto, aos momentos embaraçosos e embaraçados da pesquisa, os momentos nos quais me perdi, onde conflitos se apresentaram e exigiram atenção e cuidado. Funcionam também como convites ao diálogo e à interlocução com os leitores, neste momento de qualificação, especificamente, com os avaliadores da banca. Estes serão apresentados na forma de parágrafos ou palavras isoladas que representam conceitos-enrosco para mim e aparecerão em fonte **negrito** ao longo do texto, relatando esses momentos e remetendo a digressões mais teóricas e tensionamentos de conceitos.

Por fim, as Costuras Interferentes, que têm por objetivo revelar as linhas de força presentes no campo de pesquisa e de interferência causada nele, concretizadas em forma de expressão visual. Para tanto, utilizo algumas das técnicas artísticas que, para mim, têm sido importantes formas de expressão daquilo que não pode – ou não quer – ser dito em palavras. Tendo por base fotografias, sejam elas contemplativas (*Miksang*)⁹, imagens captadas durante os próprios Círculos ou imagens fortuitas capturadas em minhas andanças, faço uso de linhas bordadas, desenhadas, recortadas, tecidas e/ou coladas para incidir sobre elas, modificando-as e trazendo à tona as dinâmicas que não encontraram língua na escrita.

Um aspecto fundamental desta pesquisa é seu caráter transdisciplinar. São muitos os saberes, referenciais e aprendizados aos quais recorri, tanto para elaborar a proposta dos Círculos, quanto para investigá-la, na práxis a que me proponho aqui. É inevitável também levar em conta as questões de gênero, de raça e etnia, sócio-culturais, econômicas, políticas, históricas, ambientais, subjetivas, que configuram o campo no qual se desenrolam as relações entre mim, como pesquisadora, e as mulheres que ouvi e ouço, entre nós e o mundo. Estas questões relacionam-se aos aspectos ontológicos, existenciais e psicológicos que Rolnik propõe como

⁹ Prática meditativa de origem tibetana que adotei há alguns anos, que consiste em fotografar aquilo que se revela ao olhar sem que haja a intenção e a preocupação com enquadramento, tema, técnica ou estética. Conecta-se, a meu ver, com o conceito de “olho vibrátil” oferecido por Rolnik (2016).

linhas de tensionamentos a serem investigadas durante e pela cartografia. Vasconcelos (2013) cita Guattari (2012), que defende uma mudança de paradigma para as ciências humanas, de um modelo cientificista-interpretativo para abordagens ético-estéticas que, assim como as expressividades chamadas artísticas, promovam rupturas, emergência, furos e novas possibilidades de subjetivação. Para tanto, torna-se necessário ampliar o "coeficiente de transversalidade", que

significa o grau de abertura de um indivíduo ou grupo para levar em conta essas múltiplas dimensões que atravessam e produzem suas vidas e subjetividades, no sentido de viverem o risco de se confrontarem com o novo e a alteridade, assumirem o sentido de sua práxis e se instaurarem como indivíduos e grupo sujeitos, não grupos sujeitados. Daí, a exigência inevitável da 'transdisciplinaridade', como estratégia de abordagem dos diversos componentes transversais que atravessa qualquer realidade humana e social (Vasconcelos, 2013, p.66).

Isso revelou-me a necessidade de inventar uma metodologia que desse conta de tratar de tal complexidade. Para Bondía (2002) o sujeito da experiência é aquele que se deixa atravessar, afetar e habitar pelo que é vivenciado, testemunhado, percebido. Ora território de travessia, ora ponto de chegada, ora ainda cenário de acontecidos, é, sobretudo, abertura e clareira. O autor ainda afirma que a experiência é uma paixão, no sentido de que nos deixamos afetar por ela, não numa posição de mera aceitação e passividade, mas como escolha e vinculação ao mundo, ação que convoca o desejo que não é falta, mas produção de vida e de sentido. Experimentar é arriscar-se, assim como apaixonar-se. Requer coragem, da mesma forma que, para mim, o trabalho da cartografia, que, ao romper com os padrões acadêmicos clássicos, me convoca a abandonar as convenções e a me colocar como sujeito fortemente implicada na minha própria investigação, pesquisadora in-munda de minhas escutas, in-mundizando o mundo ao meu redor (Abrahão et al., 2016), inusitada e intensamente emocionada ao longo do processo de escrita, algo que se repetiu em vários momentos.. Ao se constituir como uma narrativa de experiências, esse trabalho me convocou a criar uma cartografia própria, cujos dispositivos servem a este contexto particular e muito específico de investigação, registro e partilha: irreprodutível, portanto, como método.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abrahão, A.L., Merhy, E. E., Gomes, M. P. C., Tallemberg, C., Chagas, M. S., Rocha, M., Santos, N. L. P., Silva, H., & Vianna, L. (2016). O pesquisador in-mundo e o processo de produção de outras formas de investigação em saúde. In: E. E. Merhy, R. S. Baduy, C. T. Seixas, D. E. S. Almeida, & H. Stomp Jr (Orgs). *Avaliação Compartilhada do Cuidado em Saúde: surpreendendo o instituído nas redes*. (Vol 1. pp. 22-30) Rio de Janeiro: Hexis.

Acosta, A. (2016). *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante.

Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação* (19), 20-28. doi:10.1590/S1413-24782002000100003

Critelli, D. (2013). *História pessoal e sentido da vida: historiobiografia*. São Paulo: EDUC-FAPESP.

Cruz, K. T. (2016). *Agires militantes, produção de territórios e modos de governar: conversações sobre o governo de si e dos outros*. Porto Alegre: Rede Unida.

Deleuze, G. (1992). *Conversações*. São Paulo: Editora 34.

Guattari, F. (2012). *Caosmose: um novo paradigma estético*. (2a ed.). São Paulo: Editora 34.

Hooks, b. (2007). A teoria como prática libertadora. In: *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. (2a ed. pp. 83-104.). São Paulo: Martins Fontes.

Rago, M. (2013). *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Ed. Unicamp.

Rolnik, S. (2016). *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. (2a ed.). Porto Alegre: Sulina.

_____ (1993). Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético-estético-política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, PUC/SP. São Paulo. (1) 2, 241-251.

Vasconcelos, E. (2013). *Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa*. (6a ed.). Petrópolis: Vozes.